

A teoria dos dois circuitos da economia urbana e a mídia na contemporaneidade¹

Paulo Celso Silva ²

Resumo: A teoria dos dois circuitos da economia foi desenvolvida por Milton Santos, na década de 1970, como uma resposta aos estudos urbanos e econômicos tradicionais que tinham como paradigma a planificação, marcada pela política liberal. Em sendo assim, uma constante instabilidade é indicada visando, não atacar as causas da pobreza e do subdesenvolvimento, mas mostrar as consequências desse processo. Igualmente o circuito inferior, a economia informal, a economia com base familiar e as diversas saídas e formas que a população de baixa renda encontra para resolver seu cotidiano, eram vistas, não em um processo totalizador, mas como anomalias que precisavam ser resolvidas imediatamente. Apenas o circuito superior, dentro da lógica capitalista e cada vez mais internacionalizado era visto como resolvido e dono das ações futuras. Passados 35 anos, e já no processo de Globalização, a teoria dos dois circuitos da economia pode ser pensada e atualizada, tendo em vista as indústrias contemporâneas de mídia e sua relação com o território usado, âmbito dos homens lentos e opacos que se apropriam das tecnologias produzidas no circuito superior e a revivem no inferior. Uma cotidianeidade na qual apps e gadgets, dual SIM e outras tecnologias midiáticas são postos a serviço de novas combinações e usos, além daqueles para os quais foram criados. Essas particularidades das tecnologias e de seus usos trazem formas, também novas, de organizar o espaço, principalmente, urbano. Assim, os circuitos superior e inferior devem ser entendidos em uma relação em que, a síntese, é a própria tecnologia midiática urbana.

Palavras-chave: mídia, dois circuitos da economia, milton santos, tecnologias, cidade.

Abstract: The Theory of the two circuits of economy was developed by Milton Santos in the 1970's, as a response to traditional economic urban studies whose paradigm was the planning marked by liberal policy. Therefore, a constant instability is indicated, whose aim is not to eliminate the causes of poverty and underdevelopment but to show the consequences of this process. Similarly the inferior circuit, the

¹ Este artigo é resultado da pesquisa 'Geografia da Comunicação: Análise da produção intelectual do Dr. Milton Santos e a sua aplicação/relação com a Comunicação' que teve apoio da FAPESP 2012-2013.

² Professor e coordenador do programa de mestrado em comunicação e cultura - Universidade de sorocaba. E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

informal economy, the family-based economy and the several solutions and manners through which the low income population finds solution for their daily living were seen not as a totalizing process but as anomalies that needed to be solved immediately. Only the superior circuit, within the capitalist logic more and more internationalized was seen as solved and determining to future actions. After 35 years, already in the globalization process, the theory of the two circuits of economy may be thought and updated, visualizing the contemporary media industries and their relation with the used territory, ambiance of the opac and slow men who appropriate technology produced in the superior circuit and reapply it in the inferior one. A cotidianity in which apps and gadgets, dual SIM and other media technologies are used for new combination besides their real objectives. These particularities of technologies and there usage bring new forms to organize space, chiefly the urban space. Thus, both the superior and the inferior circuit must be understood as a relation in which the synthesis is the very urban media technology.

Keywords: media, two circuits of economics, milton santos technologies, city.

Santos, uma trajetória rumo ao Brasil

A trajetória intelectual de Milton Santos perpassa o jornalismo, o direito e mergulha na geografia buscando compreender como é possível analisar o Terceiro Mundo, conceito e práticas capitalistas de um momento da história do século XX, o qual uma gama de nações subdesenvolvidas eram assim consideradas, independente de sua formação, história cultura. O ponto que unia estas nações era o "atraso" com relação às metrópoles, nesse caso, EUA e Europa.

É fora do Brasil que Milton Santos, já um acadêmico formado, encontra seu Brasil. Encontra o Brasil. Experiência estrangeira, exílio para sobreviver, pois sai de Salvador, onde estava preso e com problemas de saúde, para a Europa, que já havia visitado e experienciado com Tricard, seu 'tutor' e amigo e rendera uma obra-diário de viagem intitulada *Marianne em Preto e Branco*, lançada originalmente em 1960, momento o qual relata e analisa sua viagem pela França (a Marianne em Branco) e depois a África (a Marianne em Preto).

Nessa obra, que não é a primeira, podemos reconhecer o viajante e o intelectual, que ultrapassam seu status para indicar ao leitor os continentes e suas especificidades. As várias cores dos continentes contrastavam com o

monocromatismo da teoria e das ciências sociais e humanas que apenas entendiam o mundo partindo de um centro, às vezes Europa e depois EUA.

Ainda assim, em *Marianne*, o autor utiliza uma abordagem considerada tradicional na geografia, partindo da noção de gênero de vida, da geografia regional francesa, que o entende como um conjunto de atividades e peculiaridades de um grupo social sempre articulado pelo costume, por sua história, expressando as formas de adaptação a ambiente geográfico, assim, a relação homem-meio geográfico é fundamental para o entendimento dos diversos estágios em que as diferentes sociedades se encontravam. A unidade geográfica onde isso fica evidente é a região, com seus fenômenos distintivos e a paisagem será a Forma como esses fenômenos se apresentam ao homem.

Contudo, tal análise guarda contradições inerentes ao seu modelo de análise, a dicotomia homem-natureza é a mais evidente delas. Outra consequência é que, ao considerar a região e suas especificidades, perde-se a totalidade entre essas unidades geográficas. No limite, o gênero de vida implica em reconhecer o desenvolvimento Europeu através de vários estudos (as monografias regionais), em detrimento ao pouco conhecimento sobre o que se passava nos países subdesenvolvidos. Também, já no pós-Segunda Guerra na Europa, não dava conta dos novos fluxos de circulação de pessoas e informação, assim como dos novos modelos de consumo e produção baseados na massificação em que "todos", tinham o mesmo lazer, o mesmo consumo e buscavam os mesmos padrões de status social.

A obra, *Marianne em Preto e Branco*, se não marca uma virada no pensamento, ao menos mostra a gestação de um intelectual que consegue ter *insights*, momento que o próprio Santos afirma: "a herança francesa é muito forte, embora tente me libertar dela até com certa brutalidade. Mas ela é responsável por um estilo independente que aprendi com Sartre, distante de toda forma de militância, exceto a das ideias" (SILVA, 2002).

Ainda com relação ao *Marianne*, o autor lembra que o texto seria considerado "empolado e prolixo" para os jornalistas, mas "leve" para os geógrafos, lembrando que labutava nos dois domínios. Estilos a parte, o que

importa aqui é o reconhecimento da diferença e da metodologia de análise, também de uma consciência sócio-espacial que será a marca da renovação teórica de Santos. Conforme indica Maria Adélia Ap. Souza na introdução da segunda edição do livro: *Marianne em Preto e Branco* simboliza sim duas paixões de Milton Santos: a África e a Europa, determinantes na sua formação intelectual... Trata-se de uma belíssima inspiração de um bom jornalista à época aprendiz, ainda, de geógrafo (2010, p. 21).

Em toda a sua carreira, Milton Santos possui uma considerável produção intelectual, seja através da publicação de seus 50 livros, iniciada em 1948 com *Povoamento da Bahia: suas causas econômicas*; seus vários artigos publicados na Folha de S. Paulo e posteriormente lançados no livro *O País Distorcido*; assim como sua produção jornalística da primeira fase (1948-1964) composta de 112 artigos, no jornal *A Tarde*, compreendendo os anos de 1952-1962, majoritariamente "... e trata de assuntos extremamente variados, entre os quais se podem destacar aqueles ligados à região do Cacau, à cidade de Salvador e às experiências em viagens à África, Europa e Cuba. Santos também conseguiu levar ao seu trabalho jornalístico algumas discussões acadêmicas, através de textos sobre objeto, método e ensino da Geografia". (SILVA & SILVA, 2004, p. 159 e 176).

Dessa obra implica reconhecer seu caráter interdisciplinar e a sua contribuição para a comunicação social em suas diversas possibilidades de estudo. É o próprio Santos (2007, p. 177) quem indica que "a interdisciplinaridade não se produz a partir das disciplinas. Ela se produz a partir das metadisciplinas. Eu converso com os outros colegas a partir da minha filosofia e da deles. Mas não da minha disciplina". Ou seja, sua produção incita o debate e a reflexão de uma variedade temática que os meios de comunicação ajudam a construir no seu dia a dia, a saber, as noções espaço, de cidadania, território entre outras, entendendo essa importância formadora de "noção" como uma operação ou ato cognitivo e, portanto, cumpridora de um papel social no fazer midiático. Nas palavras de Conceição (1996, p. 148):

Administrar os produtos noticiosos é fazer geografia do espaço midiático. Desde a escala da produção da pauta dos assuntos que

merecem ganhar o status de notícia, à seleção do que fato circulará no espaço impresso do veículo de comunicação e, mais importante ainda, o que será repercutido pelo veículo – já que nem todas as notícias terão o mesmo tratamento da mídia, algumas são eleitas como prioritárias, outras como noticiáveis e outras simplesmente abandonadas como notas esporádicas na geografia do meio.

Esse é um movimento dialético que inclui produção, circulação e consumo/decodificação das notícias e fatos. Hoje também podemos acrescentar a reprodução das notícias e fatos e a decodificação através das redes sociais como Twitter e Facebook, para ficar em duas conhecidas ferramentas, *Retwitter* e o *share*, respectivamente. Isso amplia ainda mais a difusão e nos remete ao espaço que Santos entende, em um primeiro momento, como um

...conjunto de fixos e fluxos (Santos, 1978) Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam (SANTOS, 1982, p. 53; SANTOS, 1988, p. 75-85).

Porém, avançando a reflexão, propõe “O espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável do qual participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais e, de outro lado, a vida que os anima ou aquilo que lhes dá vida”. Isto é a sociedade em movimento. Assim, a vida que os anima são as ações (1988, pág. 16). Alguns anos mais tarde, entende espaço como um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações” (1996, pág. 39) e, no lugar dos fixos e fluxos passa a pesquisar as redes, os sistemas técnicos, o meio técnico-científico-informacional, ou seja, o contemporâneo e suas relações com a comunicação são objetos, mas também formas de fazer e de regular a sociedade.

Assim, compreender como a área de comunicação, se apropria e circula os conceitos, categorias e noções de Santos, pode contribuir para o avanço na construção da metadisciplina, antes citada. Também auxilia no entendimento de como Santos soube apropriar-se dos meios de comunicação para divulgar

suas ideias em uma relação dialética. Devemos, no entanto, esclarecer que no plano metodológico, não saímos a campo buscando dados que comprovem a teoria de Santos. Ao contrário, nos debruçamos na atualização teórica dos dois circuitos, fazendo comparativos com outras teorias utilizadas para compreender a América Latina.

A teoria dos dois Circuitos da Economia Urbana

Uma das teorias que ainda reverberam no mundo acadêmico e foi pouco ou nada trabalhado pela comunicação, até agora, é a Teoria dos Dois Circuitos da Economia Espacial, sendo tais circuitos: o superior ou moderno e o inferior. O primeiro circuito vem com grande carga de alta tecnologia e modernização e sua referência é nacional e internacional, caracterizado pela fluidez e flexibilidade. Já o circuito inferior atua em escala menor atingindo as camadas mais pobres da população, contudo “é bem enraizado mantém relações privilegiadas com sua região. Cada circuito forma um sistema, Isto é, um subsistema do sistema urbano” (SANTOS, 1978, p. 16).

Dessa forma, o estudo dos dois circuitos propostos por Santos, é importante para compreender o movimento global visto a materialidade única de cada cidade, afirma Sassen. Daí decorre o conceito de cityness³, para aquelas urbanidades que não cabem no modelo ocidental, pois é preciso ir além do espaço construído e ver o uso que é feito dele. No que tange a comunicação, “a digitalização de numerosas atividades econômicas causa o seu impacto específico sobre a desagregação da territorialidade e a descentralização da soberania”, completa Sassen.

Pensar atualmente a demanda do consumo comunicacional, tendo por base os dois circuitos propostos, pode ser (um) indicador do papel dos vários lugares e suas ofertas consumíveis do setor inferior, auxiliando e colaborando com o circuito superior e moderno. Tomemos, rapidamente, o exemplo das rádios de frequência AM sendo transformadas em FM para veicularem em

³ Esse conceito foi desenvolvido no texto Cityness in Urban Transformation. Ruby Press, 2008.

aparatos móveis. Ou seja, fica aberta a possibilidade de substituir o “radinho de pilha” pelo telefone móvel ou outro aparato ainda mais híbrido.

Ainda no tema do consumo, podem-se analisar as várias áreas mercantis das cidades tendo em conta os dois circuitos. Shoppings e suas aglomerações urbanas, mercados municipais tradicionais, shoppings como “âncoras” de condomínios. Como indica Santos (1978, p. 35), no circuito inferior “o consumo de subsistência inclui um grande número de mercadorias e serviços”.

Certamente, parte da “subsistência” está relacionada aos insumos comunicacionais que são comprados e acessados pelas classes para a manutenção da vida diária (TV a cabo, internet, chips de telefones, telefones Dual SIM, rádios).

Também Carpio Martins, quando analisava as telecomunicações para o desenvolvimento dos lugares, em 1996, vai apontar a sua importância, assim como a desarticulação promovida pelo capital internacional que impõe a sua lógica territorial nos locais. Com base nas análises feitas, naquele período, inferia que “A análise das tendências das novas tecnologias da informação, permitem prever o desenvolvimento do teletrabalho, o tele-ensino e outras aplicações com efeitos na organização do território” (CARPIO MARTIN, 1996, p. 145).

Buscando apontar características e diferenças entre os dois circuitos, Santos propôs, originalmente, um quadro ao qual, acrescentamos um panorama geral contemporâneo indicando como e o que são encontrados, atualmente, nos dois circuitos da economia urbana. Dessa forma temos:

	Circuito Superior	Circuito Inferior	Panorama geral contemporâneo
Tecnologia	Uso intensivo de capital	Uso intensivo de mão de obra	Os dois circuitos utilizam tecnologias, prevalecendo a tecnologia de ponta no superior
Organização	Burocrática	Primitiva, não estruturada	Flexível no superior de ponta e mistura de burocrático e

			não estruturado nos superiores com menos tecnologia e inferiores
Capital	Importante	Escasso	Idem
Mão de obra	Limitada	Abundante	Reduzida nos dois circuitos e tercerizada nos dois
Salários Regulares	Prevalecentes	Não requeridos	Diferentes formas de assalariamento e contratos financeiros nos dois circuitos
Estoques	Grande quantidade e/ou alta qualidade	Pequenas quantidades baixa qualidade	Pequenas quantidades nos dois circuitos, prevalecendo baixa qualidade no inferior
Preços	Fixos (em geral)	Negociáveis entre comprador e vendedor (regateio)	Vários níveis de negociação
Crédito	De banco, institucional	Pessoal, não institucional	BNDES para grandes, medias e pequenas empresas legalizadas
Margem de lucro	Pequena por unidade mas importante, dado o volume dos negócios (exc. Itens de luxo)	Grande por unidade mas pequena em relação ao volume de negócios	idem
Relação com os fregueses	Impessoal e/ou por escrito	Direta, personalizada	idem
Custos fixos	Importantes	Negligenciáveis	idem
Propaganda	Necessária	Nenhuma	Redes sociais, celulares e outras mídias eletrônicas são utilizadas nos dois circuitos
Reutilização de mercadorias	Nenhuma (desperdício)	frequente	idem
Capital de Reserva	Essencial	Não essencial	idem
Ajuda governamental	Importante	Nenhuma ou quase nenhuma	Programas de ajuda governamental para os

			dois circuitos desde que legalizados
Dependência direta de países estrangeiros	Grande; orientação para o exterior	Pequena ou nenhuma	Considerável, visto que a maioria dos produtos de consumo do circuito inferior são provenientes da China, Paraguai) Grande no circuito superior, com compras e investimentos do e no exterior; e alta qualidade.

Tabela 1 Fonte: Baseado na proposta de Santos na obra Espaço dividido, 1978, p. 34.

A primeira característica que podemos apontar, com relação ao quadro original é o fato de que, hoje, podemos verificar, na organização, a existência de circuitos intermediários entre o superior e o inferior. Isso em virtude da flexibilização, ou acumulação flexível, como define David Harvey para o qual caracteriza-se a partir do confronto direto com a “rigidez” do fordismo, e apoia-se na “[...] flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” e ainda “... caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.” (HARVEY, 1992, p.121).

Dessa forma, o item tecnologia passa a ser utilizado pelos dois circuitos da economia, porém, cada um deles e suas variações, com carga maior ou menor desse insumo estratégico para empresas, pessoas e governo. Ressalva deve ser feita, quando temos em conta a economia informal do circuito inferior, que pode ou não ter a propriedade da tecnologia, visto que também nesse circuito ocorre certo tipo de, “terceirização”, mais relacionada à possibilidade de utilizar a tecnologia e mão de obra que o outro possui, do que visando aumentar o desempenho de setores específicos, como acontece com as médias e grandes empresas.

Outro item que flexibilizou foi o dos preços que apresentavam, na década de 1970, situações estabilizadas, na qual o superior os tinha, geralmente, fixos; o inferior, negociável através de regateio e acordos, conforme o comprador. Hoje podemos inferir que, além desses, outras formas de preços, valores e pagamentos são praticados. Entre os vendedores ambulantes, o pagamento pode ocorrer mesmo em escambo, trocando e repondo mercadorias na necessidade do outro.

A troca de serviços como forma de pagamento também acontece no circuito superior, empresas fazem intercâmbio de produtos, e mesmo de mão de obra, visando parcerias que abram ou as fortaleçam no mercado em que atuam. Por exemplo, a função de rasqueteador já foi importante e essencial nas empresas de bens de produção. Esse profissional é um ajustador mecânico de alta precisão e, não era encontrado em todas as empresas, quando era necessário em uma que não tinha tal empregado, “emprestava” de outra empresa.

Mesmo com a informatização de equipamentos industriais – tornos, por exemplo – a função persiste e encontramos, já em 2008, no Orkut, a “1º Comunidade dedicada aos RASQUETEADORES e AJUSTADORES!!”, também, mais recentemente, o blog de Alfonso Rasqueteador e o site do facebook “Rasqueteador/Ajustador”, criado em julho de 2013⁴, demonstrando que, também profissionais de setores industriais, compreenderam a importância da internet e das redes sociais para a eficiência de suas atividades e pequenas empresas e que estão claramente integrados e com a inovação tecnológica.

4 1º Comunidade no orkut dedicada aos RASQUETEADORES e AJUSTADORES!! Disponível em <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=54530121>> Acesso em 13.12.2013. Ver também o blog de lfonso Rasqueteador - Reforma de Máquina Operatrizes Alfonso Azusenis, com 47 anos de experiência em reforma de máquinas operatrizes, com serviços realizados em todo Brasil. Disponível em <<http://alfonsorasqueteador.blogspot.com.br>> Acesso em 13.12.2013. Rasqueteador/Ajustador: Página destinada para os profissionais Rasqueteadores e ajustadores de máquinas industriais. Disponível em <<https://www.facebook.com/pages/Rasqueteador-Ajustador/545911755464959>> Acesso em 13.12.2013.

Isso impacta, diretamente, em outro item da tabela, Propaganda. Santos indicava, para o período que estudou, que o circuito inferior não tinha nenhuma forma de divulgação. Atualmente, contudo, a telefonia móvel, as redes sociais, além de servirem como instrumentos de trabalho, atuam como divulgação dos serviços prestados.

Incluindo em nossa reflexão o tema da globalização, vemos interessantes pesquisas, como a de Linda Hultberg, sobre o empoderamento da mulher em Bangladesh, estudando as proprietárias de Village Pay Phone (VPP ⁵) e afirmando como o acesso à tecnologia trouxe mais informação e a comunicação para os mais pobres, proporcionando com isso, renda para as famílias. De posse da tecnologia móvel, os agricultores podem oferecer seus produtos, tendo noção exata dos preços praticados no dia ou no período. O mesmo acontece com artesãos que comercializam seus produtos na internet, sem necessidade de outros intermediários (JAMES, 2002, p.80-81).

Assim, no item Dependência Direta de Países Estrangeiros, o cenário dos dois circuitos está bastante alterado, com relação ao da década de 1970. Há que se destacar o posicionamento de Santos sobre o conceito de Terceiro Mundo, para quem a dimensão histórica tinha grande peso para compreendê-la o subdesenvolvimento como um processo. Apenas transpor conceitos e métodos dos países desenvolvidos para os subdesenvolvidos levava a equívocos, mesmo que apresentando quantidades de dados para comparação. Santos dizia (1978, p. 14):

Essa oposição [entre subdesenvolvidos e desenvolvidos] tem por postulado que o Terceiro Mundo é “um mundo em desenvolvimento”, quer dizer, que está numa situação de transição para o que hoje são os países desenvolvidos. Na realidade, a noção de “*similar path models*”

⁵Village Pay Phone Program começou em 1997, é hoje um pouco desatualizado. Hoje, muitas pessoas possuem ou tem acesso a um telefone móvel em Bangladesh. Uma vez que outras empresas de telefonia móvel entraram no mercado, os preços diminuíram muito e fez o telemóvel mais acessível para as pessoas do país. Alguns operadores do VPP compraram outro celular de outras empresas que não a Grameen Telecom, pela qual eles alugam serviços de telefonia móvel para os outros. Ao visitar as aldeias podem-se ouvir os celulares tocando e soando aqui e ali. HULTBRG, L (2008). Women Empowerment in Bangladesh A Study of the Village Pay Phone Program. Disponível em < <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:3836/FULLTEXT01>> Acesso em 13.12.2013.

é inadequada (McGee, 1971). Não se trata de um mundo *em desenvolvimento*, mas de um mundo *subdesenvolvido* com suas características próprias e seus mecanismos fundamentais que será necessário demonstrar.

As especificidades dos países subdesenvolvidos deveriam ser levadas em consideração, pois era crucial na “organização da economia, sociedade e do espaço” (SANTOS, 1978, p.14). Uma especificidade importante, para a análise geocomunicacional que pretende atualizar os dois circuitos, é que os espaços do Terceiro Mundo ou dos subdesenvolvidos estão organizados para atender aos interesses externos, interesses na escala global.

Esse é um ponto a se considerar na escolha dos conceitos de *em desenvolvimento* ou *subdesenvolvido*, como indicado na citação de Santos. Se os países atendem aos ditames globais, em uma relação unidirecional, não podem estar em “um estágio do desenvolvimento de outros”, pois as influências e pressões – políticas, econômicas, espaciais – vem de diversas fontes, como governos, empresas trans/multinacionais, grupos internos representantes de interesses externos ao país, etc. Isso implica em reconhecer que duas classes de países participam do mesmo processo de globalização: desenvolvidos e subdesenvolvidos. Nunca demais ressaltar que cada país, terá sua forma de participação, conforme as especificidades de seu processo histórico, econômico e geográfico.

Retomando a tabela, para o circuito superior, Santos afirmava que era “Grande; orientação para o exterior”; para o circuito inferior, “Pequena ou Nenhuma”. O que se pode verificar hoje é que ambos os circuitos mantém alguma forma de dependência com o exterior.

No circuito superior, através das empresas Multinacionais e Transnacionais instaladas nos países, ainda as quantidades comercializadas, de compra e venda, são grandes e com qualidade e uma diversificação maior de países nesse comércio. É o caso dos asiáticos como Taiwan, Vietnã, Hong Kong, Indonésia, Malásia, Tailândia e Filipinas e, também a China.

No circuito inferior atual, a dependência do exterior também é sentida. Um dos setores marcados por essa situação é o de eletroeletrônicos e roupas. No

primeiro produto, os motivos e motivações para o consumo de tecnologia pirata ou clonada, pelas classes baixas brasileiras, foi tema de estudos em uma favela de Porto Alegre (RS), o Morro e na área central onde está o comércio informal da cidade, o Camelódromo. Scalco e Pinheiro-Machado (2011, p. 333) afirmam que “foi possível perceber que tudo aquilo que se considera barato, de pouca qualidade e/ou comprado no mercado informal e no Camelódromo é considerado pirata. A noção de autenticidade, portanto, é bastante fluida e não necessariamente está atrelada a políticas de propriedade intelectual e/ou direitos autorais”. A compra de produtos está atrelada à posse dos símbolos, que são partilhados entre todos do meio social, não fazendo diferença ser original ou cópia, ainda que seja cópia de 3ª linha, considerada a pior de todas por ser clone do clone.

As autoras ainda indicam a forma como a posse desses símbolos circula ou não entre os membros. Ouvindo uma jovem de 16 anos, que carregava uma bolsa falsificada da marca Puma, esta afirma que o falso ou verdadeiro “na foto não aparece” (2011, p. 335). Ou seja, estar bem para e nas as redes sociais, possuir, aparentar era o importante. Ressalta a jovem, porém, que nem tudo falsificado deva ser motivo de registro, mas os produtos originais eram obrigatórios partilhar.

Também no trabalho das antropólogas, fica registrada a importância da telefonia móvel para os negócios do setor informal e das pequenas empresas, além do caráter simbólico de grupo que carrega. “Para os informantes do Camelódromo, o celular possui uma função vital no comércio e, muitas vezes, o design dos aparelhos é bastante antigo. Não podem faltar créditos, pois as atividades mercantis são bastante prejudicadas, na medida em que depende muito da comunicação por telefone” (2011, p.348). Já no outro ponto de observação de campo, o Morro, os jovens raramente têm créditos para chamadas e o aparelho é como parte do corpo, mas são usados os aplicativos que não dependem de pagamento. Quando necessitam chamar, utilizam o telefone público e “a comunicação entre os informantes do Morro acontece, sobretudo, via chats e redes sociais virtuais nas Lan Houses – espaço de consumo e sociabilidade fundamental atualmente nas periferias brasileiras”

(2011, p. 349). Fazendo uma analogia com a afirmação de Castells (2009, p. 100) para a internet, podemos inferir que os usuários do celular, não chamam, escutam ou veem no celular, eles o vivem.

Com relação aos celulares falsos, a partir de 2012 a Anatel (Agência Nacional de Telecomunicação), tentou bloquear os celulares, piratas, conhecidos como xing-lings, celulares de 2, 3, 4 chips com TV analógica, alegando uma série de problemas de segurança e qualidade de serviço pois não atendem todos os requisitos técnicos, podendo mesmo prejudicar toda a rede, pela incompatibilidade com aqueles que são utilizados no Brasil. Nota oficial do sindicato das operadoras, SindiTeleBrasil, afirmava que se o aparelho não fosse homologado no Brasil, através da lista do IMEI, ele não funcionaria. No plano prático, nada disso aconteceu e é possível habilitar qualquer celular, mesmo comprado no exterior. Diversas lojas, com bandeiras das operadoras ou não, “quebram o código” do aparelho e é só colocar um Chip nacional.

Voltando para o ano de 2006, matéria do jornal Folha de S. Paulo de 31 de maio, assinada por Adriana Mattos trazia em seu título que “Rico quer carro novo, e pobre, celular e televisão” e apresentava dados sobre a situação do consumo no Brasil: “85% dos entrevistados das classes D e E querem comprar uma moto. Nesse grupo, 84% pretendem adquirir eletrônicos (como TV e vídeo) e 79% preferem trocar ou comprar celulares. Aí está a população com renda média mensal familiar em R\$ 544,72. Estima-se que 92,9 milhões de brasileiros façam parte das classes D e E”.

Os dados apresentados por Castells (2006, p. 61) relativos ao período 2000-2003, no consumo mensal por minuto de uso dos celulares na América Latina, mostravam grande número de celulares pré-pagos, mas já indicavam queda nessa modalidade e aumento de chamadas dos contratos pós-pagos.

Uma década depois, os números de novembro de 2013 (Teleco, 2013) indicam que, segundo a Anatel: o Brasil terminou o mês com 270,5 milhões de celulares e 136,24 cel/100 hab (1,30 para cada brasileiro); o mês apresentou adições líquidas de 595 mil celulares, inferiores às de Novembro de 2012 (738

mil); o pré-pago apresentou adições líquidas de -86 mil e o pós-pago de +681 mil; a participação do pré-pago caiu para 78,37%.

Todavia, esse processo não é novo, Santos ao analisar os dois circuitos da economia urbana no Terceiro Mundo chamava atenção para duas variáveis que, elaboradas nos países desenvolvidos, até então não haviam se manifestado nos países subdesenvolvidos, e configuravam o diferencial daquele período. Essas duas variáveis eram, exatamente, a informação e consumo, estando “a primeira a serviço do segundo” (Santos, 1978, p. 28). Exemplifica o papel da informação através de dados estatísticos das Nações Unidas relativos à evolução do número de rádios e de televisores em alguns países subdesenvolvidos. Mais adiante completa que, o fato de existirem os dois circuitos na economia das cidades, não constitui dualismo, mas é resultado do conjunto de fatores que “com a preocupação de simplificar, chamamos de modernização tecnológica” (Santos, 1978, p. 43).

Ressalva, porém, deve ser feita para o fato de que a interligação dos dois circuitos não implica no mesmo estágio de dependência de um para com o outro. Ao contrário, o circuito inferior depende diretamente do superior, demonstrando a hegemonia do segundo no mercado global. Tal hegemonia é verificada na transformação pela qual passou o mundo do trabalho, a informalização, terceirização e outras formas de “contratos sociais” geradas pela acumulação flexível nos dois setores e mais sentida financeiramente no inferior.

Homens lentos e opacos na cidade

Como o circuito superior da economia urbana é hegemônico, ele resulta da combinação de processos locais, nacionais e globais, que também são escalas geocomunicacionais com grande carga de modernizações tecnológicas, em virtude dos progressos técnicos científicos e informacionais que se implantam no espaço. Nesse circuito, ligado à lógica do capital, os homens atuam no tempo do capital, que exige decisões rápidas e em maior número, possíveis através das modernizações tecnológicas e do preparo para a utilização desses aparatos, o que constitui o que podemos chamar de “capital comunicacional, analogamente a Bourdieu... Trata-se, neste caso, da Comunicação com sua capacidade de

encurtamento do espaço, aceleração do tempo e otimização do movimento” (LEITE, 2013).

O contraponto são aqueles que estão fora da lógica do capital, fora do tempo e do capital comunicacional, na temporalidade não-hegemônica ou hegemônica (Santos, 1994, p.13) , aos que Santos (1996, p. 220) nomeia de homens lentos e opacos , os participantes do circuito inferior da economia urbana. Contudo, Santos é contundente em indicar que são esses os que se apropriam e os que se comunicam, verdadeiramente, na cidade. Faz-se necessário, a seguir, uma longa citação do pensamento de Santos, para ser possível dimensionar o seu alcance e profundidade:

Quem, na cidade, tem mobilidade - e pode percorrê-la e esquadrihá-la - acaba por ver pouco, da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem, exatamente, do convívio com essas imagens.

Os homens "lentos", para quem tais imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e ir descobrindo as fabulações.

Por serem "diferentes", os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes. É assim que eles reavaliam a tecnoesfera e a psicoesfera, encontrando novos usos e finalidades para objetos e técnicas e também novas articulações práticas e novas normas, na vida social e afetiva. Diante das redes técnicas e informacionais, pobres e migrantes são passivos, como todas as demais pessoas. É na esfera comunicacional que eles, diferentemente das classes ditas superiores, são fortemente ativos.

Trata-se, para eles, da busca do futuro sonhado como carência a satisfazer - carência de todos os tipos de consumo, consumo material e imaterial, também carência do consumo político, carência de participação e de cidadania. Esse futuro é imaginado ou entrevisto na abundância do outro e entrevisto, como contrapartida, nas possibilidades apresentadas pelo Mundo e percebidas no lugar.

Então, o feitiço se volta contra o feiticeiro. O consumo imaginado, mas não atendido – essa "carência fundamental" no dizer de Sartre -, produz um desconforto criador. O choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna-se instrumento da produção de uma nova consciência.

A comunicação, a mídia, a cidade e o consumo são fatores intensificados nos lugares, mais que discursos ou imagens, existe uma relação muito forte entre os lugares e as identidades. Ao utilizar os espaços destinados ou

reservados ao circuito superior, os participantes do circuito inferior impõem outros sentidos e usos aos lugares. A nova consciência indicada por Santos pode ser verificada nas manifestações de julho 2013 quando as ruas dos lugares emblemáticos das cidades brasileiras, algumas do turismo e outros do capital financeiro, são tomadas por pessoas pertencentes aos dois circuitos da economia urbana, alterando os significados, usos e a distribuição das notícias referentes ao acontecimento.

Retomando a ideia de Castells citada anteriormente, nas manifestações, as emissoras de televisão tentaram levar um espetáculo para ser assistido, no pleno sentido da palavra, com direito a mudanças de tonalidades vocais, conforme os acontecimentos (nas manifestações mais emotivas, como na queima de containers ou nos enfrentamentos com a polícia, a voz das apresentadoras era mais pausada, grave e dava o tom de crítica proposto na editoria da emissora) enquanto isso, nas ruas, as pessoas viviam seus celulares e alimentavam redes sociais e blogs com agilidade e sentimento, sem o maniqueísmo proposto nas emissoras de TV.

Evidentemente, respostas emocionais da população trazem momentos de desorganização e dificuldades para todos: homens lentos e rápidos, pequenos comerciantes do circuito inferior e o grande capital financeiro, do circuito superior. Ou seja, assim como alguns manifestantes quebraram agências bancárias, também houve a quebra de estabelecimentos comerciais, como bares e lojas de pequeno porte.

Assim, o cotidiano em uma geografia da comunicação pode ser entendido como uma relação presente e direta com as coisas, com o mundo. Sendo assim, as formas atuais, além de carregar grande quantidade de informação, são elas mesmas informações já que existe uma intencionalidade na produção dessas formas (SANTOS, 1996, p. 257).

Entra em ação outro componente importante do lugar e do cotidiano, a emoção, as trocas, encontros e desencontros entre pessoas e as infinitas possibilidades de intercâmbio. Temos assim a "noção de emoração", que é a relação entre a emoção e a razão e "encontra seu fundamento nessas trocas

simbólicas" (SANTOS, 1996, p. 256).

Emoção que é o fundante da comunicação e, dessa forma, viver na era da comunicação é uma metáfora, e Santos vai afirmar que são os pobres, aqueles fora da lógica única do capital é quem se comunicam. Denise Stockos em seu espetáculo 'Vozes Dissonantes', de 2000, citava Milton Santos, por isso em março do mesmo ano, a Folha de S. Paulo reuniu os dois para uma conversa (editado pelo jornalista Valmir Santosa) onde Stockos afirma: "Acho muito interessante, por exemplo, quando o senhor diz que não estamos vivendo uma época da comunicação, como se apregoa por aí, porque comunicação é emoção".

Santos complementa:

Esse aspecto mostra também a diferença entre o artista e o homem da universidade na direção da verdade. O grande artista é livre e sabe que, se não houver emoção, ele não se aproxima da verdade. E o homem da universidade imagina que tem de reprimir a emoção para produzir. As ciências humanas, brasileiras e latino-americanas, acabam não interpretando os respectivos países porque olhamos para a interpretação que é dada a outra história. Quer dizer, a gente busca se espelhar apenas e toma isso como se fosse uma riqueza intelectual. É um conjunto que inclui possivelmente essa preguiça intelectual, essa comodidade de pegar os espelhos e usá-los adequadamente.

Ao que Santos remete a epistemologia da existência, que da conta do que é da apreensão da realidade; e defende o papel da emoção, assim como a dificuldade da academia em aceitá-la:

A descoberta dessa nova condição, dessa epistemologia da existência, como estou chamando agora. Quer dizer, o existir como condição para ver o mundo, e isso inclui, em primeiro lugar, a emoção. Porque a razão reduz a força de descobrir, porque só a emoção nos leva a ser originais. Não só a emoção, claro, mas por meio dela é mais depressa. Nós fomos tratados e educados para examinar o chamado presente, não imaginando que o futuro está aí, embutido no presente. Na realidade, cada ato nosso é presente, agimos em função do futuro. A ação é presente, mas a aspiração dela é o futuro.

Finalizando a questão da emoção, é ela que nos liberta da prisão da escola, dos limites do vocabulário fechado e limitante das ciências. Ela quem possibilita a intersubjetividade no cotidiano e, por extensão, onde o novo pode ser pensado e criado.

Conclusão

Com a possibilidade de apoderamento das classes mais baixas, através de maior acesso à comunicação – e a emoção - temos um caminho para a globalização possível, na qual “felizmente, outra coisa é que o próprio sistema está sujeito a acidentes, talvez por causa dessa enorme carga técnica. Basta que alguns grupos não se adaptem à norma, afirma Santos” (SEABRA *et al.*, 2000, p. 16).

Continua seu pensamento sobre esse tema, demonstrando aos leitores, que a semente das manifestações de 2013, já estava germinando. Não foi fortuita e dependia de uma análise mais apurada dos intelectuais, o geógrafo completava seu raciocínio (SEABRA *et al.*, 2000, p. 16):

Portanto, não está excluída a produção da ordem, em forma de crise irreversível. Irreversível, porque não há crise social que se resolva com um sistema de absoluta ditadura das finanças. Vejamos o que se passa no Brasil, quando ouvimos “o mandante” dizer que do Tesouro e das privatizações não se pode gastar um tostão para ajudar um pobre, que os recursos das privatizações são todos para o banqueiro... Alega-se uma inteligência universal, isto é, o “mundo inteiro” está pedindo isso e é isso o que está se fazendo. Por isso, as cidades estão pegando fogo! E não se pode dar um tostão dos recursos sociais para apagar o incêndio porque a ordem financeira é constituída às custas de um sistema extremamente inumano e totalitário. Um acidente, digamos assim, mas de consequência irreversível, que seria o equivalente a um efeito dominó...

Pode-se acrescentar aqui a crise financeira que abalou o mercado mundial a partir de 2006 e agravou-se em 2009 na Europa e EUA. Fazendo um contraponto temporal e de ideias, buscamos em Harvey, tratando o tema dos movimentos urbanos contemporâneos, o papel da cidade afirma: “Mesmo a ideia de que a cidade poderia funcionar como um corpo político, um lugar em e do qual poderiam emanar movimentos sociais progressistas, parece, ao menos superficialmente, cada vez menos crível” (HARVEY, 2013, p. 36). Contudo, os movimentos sociais urbanos se organizam nas cidades respondendo “a uma imagem social diferente da oferecida pelos poderes dos governantes que tem respaldo do capital financeiro e empresarial” (HARVEY, 2013, p. 37).

O que se pode concluir, mesmo podendo ser acusado de especulativo, é que, nesse tema, a maioria dos chamados grandes meios de comunicação ficou a

deriva dos acontecimentos, por falta de um entendimento mais aprofundado daquilo que vinha se processando desde, pelo menos, o início da primeira década do século XXI. Preocupados com temas “mais comunicacionais e/ou midiáticos”, também a academia deixou a desejar nesse tema. Intelectuais foram chamados aos meios de comunicação de massa para assistirem imagens e “auxiliarem” os (as) apresentadores (as) a manter sua voz embargada quando, no meio do grupo de pessoas, um incidente ocorria e ela retratava como se anunciasse uma morte. A mídia, no geral, fez do fato um acontecimento apenas naquilo que era aparente, imediato. Não houve grandes reflexões, porque não estavam preparados para analisar os acontecimentos de que desconheciam as bases e os processos. Talvez, os blogs e mensagens instantâneas tenham feito papel mais esclarecedor às pessoas, contudo, para comprovar isso, necessitamos de dados que não buscamos, fica como intuição.

Assim, podemos inferir que, tanto para compreender a sociedade capitalista, quando busca novas formas de acumulação revertendo seu modo rígido e ordenado de produção e reprodução, tornando-se mais flexível, quanto, essa mesma sociedade gera suas contradições e manifestações, a comunicação encontra na geografia uma forte aliada na tarefa de compreender o mundo que se abre e é muito mais que imagem imediata que se mostra aos nossos sentidos.

Evidentemente que teorias do momento monopolista do capital, como por exemplo, a que chamamos de Teoria Crítica, auxiliam no entendimento das produções que ainda estão baseadas no modelo de sociedade rígida, já que a distribuição capitalista é desigual pelo planeta. Não é todo espaço que está na mesma temporalidade dos demais. Ou seja, não é raro encontrarmos diferenças nos circuitos da economia espacial e urbana. Assim, apesar de datadas, as teorias ainda respondem às interrogações que a realidade faz ao pesquisador que busca responder ao presente propondo, projetando o futuro.

Dessa forma, podemos, com Santos, apresentar questões que, embasadas em seu pensamento, se mostram como tendências abertas na comunicação nesta segunda década do século XXI. Tomando como referencia a ideia de Homens lentos e Homens rápidos e, aceitando a instantaneidade da mídia,

podemos perguntar se os primeiros seriam os da resistência e os segundos do técnico científico.

Os homens lentos são aqueles que têm mobilidade pela cidade, estão fora do totalitarismo da lógica do capital. Porém, como dizia Santos, a cidade para eles não é a imagem, como ocorre aos homens rápidos, mas miragem “não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e ir descobrindo as fabulações”. Contudo, quando fora do circuito superior da economia, aquele mais moderno e global, os homens lentos se apropriam da tecnologia a sua maneira. Isto é, para economizar em ligações e bônus das operadoras, não é incomum que as populações mais pobres utilizem vários aparelhos celulares Dual SIM, barateando seu custo porque ligam, para os demais, utilizando a operadora que cada contato seu dispõe. Muitos aparelhos conseguem desviar a chamada quando localizam um aparelho telefônico fixo. Com o desvio, podem chamar sem pagar a ligação.

Os aparelhos são do mercado paralelo e são descartáveis. Propositalmente, piratas. O baixo preço e a pouca durabilidade, garantem aparelhos “sempre novos”. Em alguns bairros, compartilhar o acesso aos canais de TV fechada, compartilhar computadores, é uma prática que facilita para as pessoas envolvidas. Pardo Kuklinski (2013), quando questionado sobre a obsolescência dos aparelhos e o que pode o consumidor fazer, responde que este deve “ser mais responsável no consumo. Podemos comprar objetos mais caros, porém pensados para durar mais, por exemplo, entre várias pessoas. Se compartilhem carros, sofás, escritórios. Porque não compartilhar computadores, impressoras, câmeras fotográficas”?

São os dois circuitos da economia urbana em constante movimento e transformação. Como reflexão futura, inferimos que nos dois circuitos da economia urbana a classe média atual não é intermediária, mas “dialoga monetariamente” com os dois circuitos, conforme a necessidade imediata de seu consumo. Em sendo assim, poderíamos perguntar se, hoje, cabe às mídias encorajar o consumo e desenvolver a ideologia em cada um dos circuitos?

Referências

- CARPIO MARTIN, J. (1996). Las telecomunicaciones y desarrollo local IN Encontro Internacional O mundo do cidadão um cidadão do mundo. São Paulo, 13 a 16/10/1996, pág. 145-6.
- CASTELLS, M. (2009). Comunicación y poder. Madrid/España: Alianza.
- CASTELLS, M.; FÉRNANDEZ-ARDÈVOL, M.; QIU, J. L. & SEY, A. (2006). Comunicación Móvil y sociedad. Una perspectiva global. Barcelona/España: Ariel/Fundación Telefonica.
- CONCEIÇÃO, F. (1996). O cidadão no espaço da mídia IN O mundo do cidadão. Um cidadão no mundo (Conferências e Mesas Redonda - caderno de Resumos) e anotações pessoais da mesa redonda em 14/10/1996, Departamento de Geografia/USP/São Paulo.
- HARVEY, D. (1992). Condição Pós moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo. Edições Loyola, 1992.
- HARVEY, D. (2013). Ciudades rebeldes: Del derecho de la ciudad a la revolución urbana /traducción Juan Mari Madariaga. Madrid: Akal.
- HULTBRG, L (2008). Women Empowerment in Bangladesh. A Study of the Village Pay Phone Program. Disponível em <<http://www.divaportal.org/smash/get/diva2:3836/FULLTEXT01>> Acesso em 13.12.2013.
- JAMES, J. (2002) Technology, Globalization and Poverty. UK: Edward Elgar.
- LEITE, Carlos F.(2013). Comunicação, mídia e lugar: classes sociais não hegemônicas e articulação social para apropriação das mídias no Brasil. Trabalho apresentado no VII Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura da Uniso/ Sorocaba, GT3: Mídias e Práticas Socioculturais, de 4 a 8 de Novembro de 2013.
- MATTOS, Adriana (2006). Rico quer carro novo, e pobre, celular e televisão. Jornal Folha de S. Paulo, 31/05/2006. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi3105200630.htm>> Acesso em 14.12.2013.
- PARDO KUKLINSKI, H. (2013). La obsolescencia se ha convertido en una realidad que no podemos obviar". Disponível em <<http://revista.consumer.es/web/es/20130301/entrevista/77057.php>> Acesso em 20.11.2013.
- SANTOS, M. (1960). Marianne em preto e branco (viagens). Livraria Progresso Editora, Salvador. (2010) Segunda Edição: Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. (Coleção Ponte da Memória).
- SANTOS, M. (1978). O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- SANTOS, M. (1982). Pensando o espaço do homem, São Paulo: HUCITEC, (3.^a edição, 1991).

- SANTOS, M. (1988). *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC. Edição atual: São Paulo: EDUSP, 2008.
- SANTOS, M. (1994). *Técnica Espaço Tempo. Globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo: HUCITEC. Edição atual: São Paulo: EDUSP, 2008.
- SANTOS, M. (1996). *A natureza do espaço. Técnica e Tempo Razão e Emoção*. São Paulo: HUCITEC. Edição atual: São Paulo: EDUSP, 2008.
- SANTOS, M. (2007). *Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade* IN Milton Santos, *Encontros. A arte da Entrevista*. Organização Maria Angela P. Leite, Rio de Janeiro: Beco do Azougue.
- SANTOSA, V. (2000). *Um olhar dissonante. A atriz Denise Stoklos encontra o geógrafo Milton Santos para conversar sobre os 500 anos do Brasil e sobre a peça Vozes Dissonantes, destaque do Festival de Curitiba*. Folha de S. Paulo, 7 de março.
- SASSEN, S. – (Department of Sociology and Co-Chair, Committee on Global Thought Columbia University/EUA). *Research on Milton Santos [tradução nossa]*. Message to: paulo.silva@prof.uniso.br, 23/09/2013.
- SASSEN, S. (2008). *Cityness IN Urban Transformation*. Ruby Press.
- SCALCO, L. M. & PINHEIRO-MACHADO, R. (2011). *Os sentidos do real e do falso: o consumo popular em perspectiva etnográfica*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2010, v. 53 n°1.
- SEABRA, O.; CARVALHO, M. e LEITE, J. C. (entrevistadores). (2000). *Território e Sociedade. Entrevista com Milton Santos*. São Paulo: Perseu Abramo.
- SILVA, M. A. da. (2002). *Milton Santos: A trajetória de um mestre* IN *El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universitat de Barcelona*, vol. VI núm. 124, 30 de septiembre de 2002. Disponível em <[http:// www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124.htm](http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-124.htm)> Acesso em 10.07.2012.
- SILVA, M. A. da e SILVA, F. S. da. (2004). *Uma leitura de Milton Santos (1948-1964)*. *Revista Geosul, Florianópolis*, v. 19, n. 37, p 157-189, jan./jun.
- TELECO. *Estatísticas de Celulares no Brasil*. Disponível em <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>> Acesso em 01.12.2013.

